



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
COORDENAÇÃO DOS CURSOS DE GRADUAÇÃO PRESENCIAIS DE  
LICENCIATURA EM LETRAS  
LICENCIATURA EM LÍNGUA INGLESA

RAISSA TEIXEIRA GOUVEIA

**ANÁLISE DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA EM *OLIVER TWIST***

João Pessoa

2019

RAISSA TEIXEIRA GOUVEIA

**ANÁLISE DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA EM *OLIVER TWIST***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Examinadora do Departamento de Letras Estrangeiras Modernas da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial necessário para obtenção do grau de Licenciada em Letras - Língua Inglesa.

Orientador: Prof. Dr. Rubens Marques de Lucena

João Pessoa

2019

**Catálogo na publicação**  
**Seção de Catalogação e Classificação**

G719a Gouveia, Raissa Teixeira.

Análise da variação linguística em Oliver Twist /  
Raissa Teixeira Gouveia. - João Pessoa, 2019.  
48 f.

Orientação: Rubens Marques de Lucena.  
Monografia (Graduação) - UFPB/CCHLA.

1. Variação linguística. 2. Contexto social. 3. Oliver  
Twist. I. Rubens Marques de Lucena. II. Título.

UFPB/CCHLA

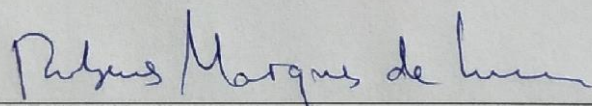
RAISSA TEIXEIRA GOUVELA

**ANÁLISE DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA EM *OLIVER TWIST***

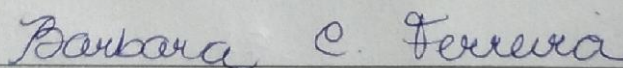
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Examinadora do Departamento de Letras Estrangeiras Modernas da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial necessário para obtenção do grau de Licenciada em Letras - Língua Inglesa.

Aprovado em: 11 / 09 / 19

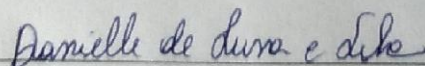
**BANCA EXAMINADORA**



Prof. Dr. Rubens Marques de Lucena  
**Orientador**  
(UFPB)



Profª. Drª. Barbara Cabral Ferreira  
**Examinadora**  
(UFPB)



Profª. Drª. Danielle de Luna e Silva  
**Examinadora**  
(UFPB)

Profª. Drª. Juliene Lopes Ribeiro Pedrosa  
**Suplente**  
(UFPB)

## AGRADECIMENTOS

A Deus, por ser o meu porto seguro e pela presença constante em todos os momentos. A Nossa Senhora, por sempre me amparar na dor e permanecer ao meu lado nas alegrias.

Aos meus pais, Aucélio e Robélia, pelo amor incondicional, pelos ensinamentos de vida e por serem meus maiores exemplos de responsabilidade e bondade. Eternamente grata por tudo.

Ao meu irmão, Rômulo, por ser meu exemplo de dedicação aos estudos e pelo apoio irrestrito quando decidi cursar uma nova graduação. Obrigada por sempre acreditar e torcer por mim.

Aos meus tios, primos e avó Teresinha, por todo o incentivo durante a graduação. Posso dizer que encontrei o meu caminho. Obrigada por sempre torcerem pela minha felicidade.

Ao meu estimado orientador, Rubens, por quem guardo uma enorme admiração e reconhecimento. Muito obrigada pelos ensinamentos, pelas ótimas sugestões tanto de livros quanto de filmes, pela dedicação e valioso auxílio na elaboração deste trabalho de conclusão. Obrigada, principalmente, por ser um verdadeiro exemplo de pessoa e de profissional para mim.

Às queridas professoras Barbara, Maura, Angélica e Jailine, por todos os preciosos ensinamentos durante o meu período no PIBID e por toda a atenção dispensada durante os semestres. Obrigada por terem contribuído tão significativamente para a minha formação docente.

À querida professora Juliana Luna Freire, pelos ensinamentos durante o ano de 2018 no PROLICEN e pelas excelentes aulas shakespearianas.

Às professoras Danielle de Luna e Barbara Cabral, pela disponibilidade em participarem da banca examinadora.

Aos meus prezados professores do Departamento de Letras Estrangeiras Modernas (DLEM) da Universidade Federal da Paraíba, por serem minhas referências de profissionais dedicados, competentes e comprometidos com a Educação. Todo o reconhecimento, carinho e a minha sincera gratidão. Eu precisaria de mais de uma lauda para agradecer-los, mas saibam que todos possuem um lugar bastante especial na minha vida. Muito obrigada por tudo.

Aos meus amigos do curso de Letras, tanto os de Inglês quanto os de Espanhol e Francês, pelo incentivo, leveza e ótimos momentos dentro e fora da universidade. Desejo que todos possam ser agentes transformadores na sala de aula. Espalhem não apenas conhecimento, mas, principalmente, amor e gentileza aos futuros alunos.

À Keonara (*in memoriam*), pelo exemplo de perseverança, força e coragem. Obrigada por ter me ensinado tanto em tão pouco tempo.

“No one is useless in the world who lightens the burden of it for anyone else”.

(Charles Dickens)

## RESUMO

Alguns escritores buscam, por meio de recursos linguísticos, aproximar a língua às situações concretas de uso associadas a um determinado contexto. Dessa forma, a presença da variação linguística, sobretudo da variação diastrática representativa dos diferentes estratos sociais, nas falas das personagens da obra *Oliver Twist* (1837-1839), de Charles Dickens, visa apresentar um panorama do contexto histórico, socioeconômico e cultural da Inglaterra vitoriana. A partir deste vínculo estreito entre os estudos literários e a Sociolinguística, a presente pesquisa, de abordagem qualitativa e natureza interpretativista, tem por objetivo analisar o referido clássico sob a ótica da Teoria da Variação Linguística desenvolvida pelo sociolinguista William Labov na década de 60. Para tanto, estruturamos o trabalho em três capítulos, sendo o primeiro dedicado à vida e obra do escritor inglês Charles Dickens (1812-1870), ao contexto histórico da literatura dickensiana e à crítica social presente no livro; logo em seguida, apresentamos as proposições fundamentais da Teoria da Variação de Labov, a qual serve de embasamento teórico para o terceiro e último capítulo, no qual trechos da fala de quatro personagens, tal como de um grupo que conserva as mesmas características discursivas, são analisados e discutidos à luz da vertente variacionista. Os resultados da análise dos dados, a partir da leitura da obra em inglês, demonstram a presença maciça da variação social na fala das personagens, caracterizada por marcas de oralidade, desvios da norma padronizada, bem como pelo uso de gírias pertencentes a um determinado grupo social.

**Palavras-chave:** Variação Linguística; Contexto social; *Oliver Twist*.

## ABSTRACT

Some writers seek, by means of linguistic resources, to bring the language closer to concrete situations of use associated with a particular context. Therefore, the presence of linguistic variation, especially the diastatic variation representative of the different social strata, in the speeches of *Oliver Twist*'s characters (1837-1839), by Charles Dickens, aims to present an overview of the historical, socioeconomic and cultural context of Victorian England. Based on this close relation between literary studies and Sociolinguistics, the present research, of qualitative approach and interpretative nature, aims to analyze the referred classic from the perspective of the Theory of Linguistic Variation developed by the sociolinguist William Labov in the 60s. For this purpose, we structured the work into three chapters, the first dedicated to the life and work of the English writer Charles Dickens (1812-1870), the historical context of Dickensian literature and the social criticism in the book; then, we present the fundamental propositions of Labov's Theory of Variation, which serves as a theoretical basis for the third and last chapter, in which fragments of the speech of four characters, as of a group that maintains the same discursive characteristics, are analyzed and discussed in light of the variationist perspective. The results of the data analysis demonstrate the massive presence of social variation in the speech of the characters, which is characterized by oral marks, norm deviation, as well as the use of slang that belongs to a particular social group.

**Keywords:** Linguistic Variation; Social context; *Oliver Twist*.



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>CAPÍTULO 1 - VIDA E OBRA DE CHARLES DICKENS: BREVES CONSIDERAÇÕES .....</b>	<b>13</b>
1.1 ASPECTOS BIOGRÁFICOS .....	13
1.2 BREVE PANORAMA HISTÓRICO DA LITERATURA DICKENSIANA: ERA VITORIANA.....	15
1.3 A CRÍTICA SOCIAL EM <i>OLIVER TWIST</i> .....	18
<b>CAPÍTULO 2 – A SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA: FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA .....</b>	<b>22</b>
2.1 TEORIA DA VARIAÇÃO DE WILLIAM LABOV: CONCEITO E TIPOLOGIA.....	22
2.2 HETEROGENEIDADE SISTEMÁTICA DA LÍNGUA: NOÇÕES BÁSICAS.....	25
2.3 DIFERENÇA ENTRE DIALETO PADRÃO E NÃO-PADRÃO .....	28
<b>CAPÍTULO 3 - ANÁLISE DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA EM <i>OLIVER TWIST</i>.....</b>	<b>31</b>
3.1 A LINGUAGEM E A RELEVÂNCIA DO CONTEXTO SOCIOCULTURAL EM <i>OLIVER TWIST</i> .....	31
3.2 A CARACTERIZAÇÃO DAS PERSONAGENS DO LIVRO A PARTIR DO DIALETO .....	33
3.2.1 Mrs. Mann.....	36
3.2.2 Mr. Bumble .....	37
3.2.3 Mr. Gamfield.....	38
3.2.4 Barney .....	40
3.2.5 O grupo de Fagin .....	41
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>45</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>47</b>

## INTRODUÇÃO

O escritor inglês Charles Dickens (1812-1870), é universalmente conhecido e suas obras, até os dias atuais, ensejam relevantes discussões acerca das injustiças sociais presentes na Inglaterra durante a Era Vitoriana (1837-1901). Apesar do grande desenvolvimento econômico decorrente da Revolução Industrial, iniciada a partir da segunda metade do século XVIII, a ascensão das máquinas provocou profundas mudanças econômicas e socioculturais no cenário inglês, pois ela acentuou diversos problemas sociais, sendo nítida a divisão da população em classes socioeconômicas bem definidas.

Conhecido por sua ferrenha crítica social, Dickens escrevia, principalmente, sobre as dificuldades sofridas pelas classes desfavorecidas, as quais sofriam os impactos causados pela Revolução Industrial, quais sejam: aumento do desemprego causado pela explosão demográfica, precarização das relações de trabalho, elevação do índice de violência urbana, bem como o de pobreza e mortalidade (CEVASCO; SIQUEIRA, 1985; SILVA; MOREIRA, 2011).

Em *Oliver Twist*, clássico publicado inicialmente em folhetins durante os anos de 1837 e 1839, o protagonista Oliver enfrenta a realidade supramencionada desde quando era bebê. As questões sociais são bastante apontadas na obra, uma vez que o menino, ao longo do livro, sofre tanto o abandono físico devido à morte da mãe logo após o seu nascimento, quanto emocional, ao ser constantemente maltratado nas instituições de caridade. Cansado de tantos abusos, ele foge da *workhouse*<sup>1</sup> e, sem qualquer alternativa, junta-se a um grupo criminoso liderado por um homem inescrupuloso chamado Fagin. A partir disso, há surpreendentes reviravoltas no enredo e o passado de Oliver é descoberto, incluindo a sua verdadeira origem familiar.

Tendo em vista que Dickens não deixava de lado o olhar crítico sobre os problemas sociais tão presentes em sua época, os recursos linguísticos utilizados por ele procuram apresentar um panorama do contexto histórico, social e cultural inglês do século XIX. O presente trabalho justifica-se pelo motivo de que a ligação entre a Sociolinguística Variacionista e a Literatura é pouco explorada nos trabalhos de conclusão de Letras-Inglês da Universidade Federal da Paraíba, pois se realizarmos uma

---

<sup>1</sup> Local destinado às pessoas desfavorecidas. Termo traduzido por Machado de Assis e Ricardo Lísias (2013) como “asilo da mendicidade”.

busca por trabalhos anteriores notaremos várias pesquisas acerca da análise da variação linguística em relação aos livros didáticos. Assim, o modo pelo qual alguns escritores trazem a variação em suas obras literárias constitui-se em um tema relevante para investigação, principalmente, no tocante às seguintes perguntas: 1) De que maneira a variação é apresentada na fala das personagens? e 2) Por quais motivos as marcas dialetais são relevantes na obra?

O objetivo da pesquisa consiste em analisar a variação linguística, sobretudo a social, no clássico *Oliver Twist*, sob a perspectiva da Teoria da Variação desenvolvida pelo sociolinguista William Labov, nos Estados Unidos na década de 60. O trabalho, quanto à vertente metodológica, tem abordagem qualitativa e natureza interpretativista, uma vez que nos ancoramos nos estudos sociolinguísticos (TARALLO, 1985; CALVET, 2002; ALKMIM, 2005; LABOV, 2008[1972]; BORTONI-RICARDO, 2014; CEZARIO; VOTRE, 2015; COELHO et al., 2015; MOLLICA, 2017) para analisar como a variação linguística apresenta-se na fala das personagens do clássico dickensiano.

Para tanto, dividimos o trabalho em três capítulos: o primeiro consiste na apresentação da vida e obra de Charles Dickens, seguido de uma breve contextualização histórica da literatura dickensiana e, por fim, discutimos a crítica social em *Oliver Twist*. No segundo, apresentamos os fundamentos essenciais da Teoria da Variação Linguística desenvolvida por Labov, principal nome da Sociolinguística Variacionista. Tratamos também da relação entre língua e sociedade, o fato da heterogeneidade da língua, a qual implica em fatores internos e externos que motivam o fenômeno da variação linguística e evidenciamos que todas as variedades são passíveis de análise sob a ótica variacionista. No terceiro e último capítulo da pesquisa, procedemos à análise da variação em *Oliver Twist*. Destacamos a relação entre língua e contexto sociocultural da obra e os aspectos relacionados à caracterização das personagens a partir do dialeto, o qual, muitas vezes, apresenta inconsistência na literatura. Da mesma forma, comentamos acerca da versão traduzida de *Oliver Twist* por Machado de Assis e Ricardo Lísias (2013), utilizada neste trabalho junto à edição em inglês. Demonstramos por meio dos dados coletados a partir da leitura da obra dickensiana em inglês, registros da fala verbal, desvios da norma padronizada e o uso de gírias caracterizadoras de um dado grupo social na fala de quatro personagens selecionadas (Mrs. Mann, Mr. Bumble, Mr. Gamfield e Barney) e da gangue de Fagin. Evidenciamos que a variação social

relacionada à identidade das personagens, bem como da organização sociocultural de uma comunidade de fala, está fortemente marcada na obra. Também destacamos que a versão traduzida de Machado de Assis e Ricardo Lísias (2013) não apresenta as marcas dialetais presentes no texto-fonte, as quais acabam afetando as características identitárias das personagens do livro. Por fim, apresentamos as considerações finais sobre o trabalho e as referências utilizadas.

Esperamos, assim, que a pesquisa possa colaborar para a aproximação entre os estudos sociolinguísticos e literários.

## **CAPÍTULO 1 - VIDA E OBRA DE CHARLES DICKENS: BREVES CONSIDERAÇÕES**

Neste capítulo, alguns aspectos concernentes ao objeto de estudo do presente trabalho são analisados, tendo o suporte teórico de Cevalco; Siqueira (1985); Cândido et al. (2002); Franca Neto (2009); Silva; Moreira (2011); e Saes, F.; Saes, A. (2013). No tópico **1.1**, são apresentados dados sobre a vida e produção literária de Charles Dickens, seguido pelo **1.2**, que versa acerca da Era Vitoriana para fins de contextualização da literatura dickensiana e, por fim, o tópico **1.3**, o qual aborda a crítica social no romance *Oliver Twist* (1837-1839).

### **1.1 ASPECTOS BIOGRÁFICOS**

Charles John Huffam Dickens é um dos mais conhecidos escritores universais, bem como um dos mais importantes da literatura inglesa. Nascido em 07 de fevereiro de 1812 em Portsmouth, na Inglaterra, segundo filho de John e Elizabeth Dickens, ele frequentou, por um curto período, a escola para depois conhecer, aos doze anos, a dura realidade do trabalho fabril, uma vez que a família sempre enfrentou grandes dificuldades financeiras. Tal situação agravou-se quando o pai foi preso devido às dívidas. Com efeito, os temas abordados nas suas obras literárias, muitas vezes, refletem a própria vida pessoal do escritor.

Segundo Franca Neto (2009), após a saída do pai da prisão, o jovem Dickens frequentou uma escola comercial e logo tornou-se escriturário em um cartório de advogados. Posteriormente, ainda na esfera do Direito, ele passou a trabalhar em um tribunal por um período. Em 1832, Dickens começou a trabalhar como jornalista. No ano seguinte, o primeiro conto, *A Dinner at Popular Walk*, foi publicado na revista *Monthly Magazine*, a qual passaria a divulgar, nos próximos anos, outros textos do escritor, que escolheu utilizar o pseudônimo *Boz*. O primeiro livro de Dickens, a coleção de narrativas *Sketches by Boz*, foi publicado em 1836 e, no mesmo ano, ele casou-se com Catherine Hogwarth, com quem teve dez filhos. No entanto, separaram-se em 1858.

Com relação às obras literárias do escritor, *The Posthumous Papers of the Pickwick Club*, publicado em fascículos mensais entre os anos de 1836-1837, deu vida ao primeiro romance de Dickens, *The Pickwick Club*, o qual alcançou uma enorme popularidade, bem como “[...] já foi chamado de supremo romance cômico da língua inglesa” (FRANCA NETO, 2009, p. 175). Após isso, ele passou a escrever e publicar livros amplamente conhecidos pelo público seguidamente: *Oliver Twist* (1837-1839); *Nicholas Nickleby* (1838-1839); *The Old Curiosity Shop* (1840); *Barnaby Rudge* (1841); *Martin Chuzzlewit* (1843); *A Christmas Carol* (1843) - o primeiro dos vários escritos dele sobre o Natal -; *Dombey and Son* (1846-1848); *David Copperfield* (1849-1850), obra com viés autobiográfico e, de acordo com Franca Neto (2009), a favorita de Dickens.

Conforme o supracitado autor pontua:

[...] Dickens se valeu dos traumas por que passou em sua própria infância e da infelicidade dos seus anos juvenis a fim de criar uma autobiografia ficcional, em que as forças psicológicas são reveladas por meio de uma série de personagens e incidentes os mais vívidos, sugerindo a passagem da adolescência para a maturidade (FRANCA NETO, 2009, p. 177).

Logo após a publicação de *David Copperfield*, vieram mais obras seguidas: *Bleak House* (1852-1853), *Hard Times* (1854), *Little Dorrit* (1855-1857), *A Tale of Two Cities* (1859), *Great Expectations* (1860-1861) e *Our Mutual Friend* (1864), a qual foi a última obra completa do escritor. É válido destacar que Charles Dickens foi um grande apreciador do teatro e costumava realizar leituras públicas de suas obras até o seu falecimento no ano de 1870, após um acidente vascular cerebral. Por fim, ele ainda deixou inacabado o livro *The Mystery of Edwin Drood*.

Cevasco e Siqueira (1985, p. 55-56) mencionam algumas características das obras do escritor inglês:

Há de tudo em Dickens: o humor, já na primeira obra, *Picwick Papers*, em que narra as aventuras quixotescas de Mr. Pickwick e seu impagável criado Sam Weller; a consciência do poder do Mal em *Oliver Twist*; o sentimentalismo e a denúncia social nas desventuras de *David Copperfield*; a crítica às severas escolas

vitorianas em *Nicholas Nickleby*; o ataque ao poder do dinheiro em *Bleak House* e *Great Expectations* [...].

Em suma, a singularidade de Dickens reside no fato de que ele conseguiu escrever sobre os aspectos do cotidiano inglês, não deixando de lado o olhar apurado sobre os problemas sociais tão presentes em sua época, os quais serão descritos no tópico a seguir.

Os autores acima mencionados ainda complementam acerca da popularidade e importância do escritor para a literatura:

Elogiado pela crítica contemporânea, principalmente pela diversidade de sua obra, pelo humor e pela vida que soube incutir em seus personagens, foi também um escritor extremamente popular, que sempre soube manter uma estreita relação com seu público. Publicados em fascículos em revistas mensais, seus romances conquistaram corações e mentes, nos dois lados do Atlântico (CEVASCO; SIQUEIRA, 1985, p. 55).

Portanto, resta evidenciado que Charles Dickens trouxe grandes contribuições para a literatura. Ele figura como um dos escritores mais sensíveis em relação às questões sociais existentes na Inglaterra de sua época e, talvez, seja cabível afirmar que as suas obras traziam um profundo desejo de mudar a sociedade.

Assim, no tópico seguinte, o contexto histórico da literatura dickensiana será analisado.

## 1.2 BREVE PANORAMA HISTÓRICO DA LITERATURA DICKENSIANA: ERA VITORIANA

As obras de Charles Dickens estão inseridas no contexto histórico denominado de Era Vitoriana, a qual corresponde ao longo reinado da Rainha Vitória entre os anos de 1837 até 1901. Tal período foi caracterizado por intensas mudanças econômicas e socioculturais na Inglaterra do século XIX, devido à migração de um grande contingente de pessoas do campo para a área urbana, franca expansão do comércio,

elevados investimentos na área de transportes e avanços tecnológicos resultantes da Revolução Industrial, iniciada a partir da segunda metade do século XVIII.

Conforme pontuam Cevalco e Siqueira (1985, p. 53) a respeito da consolidação do poder da Inglaterra durante o período:

Com a ascensão de Vitória ao trono, abre-se para os ingleses mais um período de prosperidade e de relativa paz. Afastados os temores de uma revolução social à francesa, o país se prepara para a Segunda Revolução Industrial, que consolidará a Inglaterra como país imperialista e centro econômico do mundo.

Perante o exposto, o novo regime de acúmulo de capital em razão do progresso das máquinas e, conseqüentemente, a ascensão da classe industrial, conduziram a Inglaterra ao posto de nação mais influente do mundo.

Cumpra acrescentar que a Era Vitoriana também ficou conhecida por ter sido um período fortemente marcado pelo convencionalismo, moralismo rígido, puritanismo e hipocrisia, principalmente, em relação à classe média vitoriana. Os supostos códigos morais de conduta, já tão profundamente enraizados, ditavam o modo de viver dos ingleses. Sendo assim, Cevalco e Siqueira (1985, p. 53) ressaltam que:

No palácio real, a rainha e o príncipe consorte, Alberto, dão o exemplo **da domesticidade e do decoro que eram os ideais da maioria de seus súditos**. Reina no país um clima de otimismo e ufanismo; os problemas existem, mas o progresso – pensavam os vitorianos – saberá como solucioná-los. Afinal, viviam eles num país que dominava um quarto da população do mundo. Sua rainha presidia ao “império onde o sol nunca se punha”. (grifo nosso)

Acerca da expressão “o sol nunca se põe no Império Britânico”, Franca Neto (2009, p. 165) explica que ela “[...] traz implícita a ideia de que, em virtude da envergadura de seu império pelo mundo, o sol sempre brilhava em um dos seus inúmeros territórios”. Desse modo, o auge do poder global britânico aconteceu em meados do século XIX, não apenas pela industrialização, mas pela exploração de colônias.



No entanto, ao passo que a Inglaterra prosperava economicamente, a precarização das condições de trabalho, aumento do desemprego devido ao crescimento populacional, elevação do índice de violência urbana, bem como o de pobreza e mortalidade tornavam-se cada vez mais evidentes. As injustiças sociais relativas, principalmente, à classe dos trabalhadores foram alguns dos inúmeros impactos negativos causados pela Revolução Industrial, uma vez que “[...] as condições de trabalho na fábrica eram particularmente precárias, somando-se, assim, ao ambiente urbano também degradado” (SAES, F.; SAES, A., 2013, p. 211). Segundo Silva e Moreira (2011, p. 124), o ser humano passou a ser visto como um “[...] mero instrumento de manipulação capitalista, por meio do qual a mais-valia se transformou no principal mecanismo de obtenção de lucro pelos detentores dos meios de produção”. Impende destacar, de igual modo, que a grande inserção de mulheres e crianças nas jornadas exaustivas e degradantes de trabalho nas fábricas constituiu em uma triste realidade da época, uma vez que os empregadores fabris, visando o lucro a baixo custo, exploravam a força laboral desse grupo. Na lição de Ashton (1971 apud SAES, F.; SAES, A., 2013, p. 211), “a história dos “aprendizes” fabris é lamentável. As crianças, muitas delas somente com 7 anos, trabalhavam doze e mesmo quinze horas por dia durante seis dias da semana”. Dessa forma, restam evidenciadas as condições desumanas de trabalho nas fábricas.

Diante desse cenário, o reinado da Rainha Vitória foi uma era efervescente para a produção literária inglesa, sobretudo no tocante à prosa. Houve o estabelecimento do romance (*novel*) como gênero e a diferenciação entre os termos em inglês *novel* e *romance*. De acordo com Bate (2010), o primeiro tem o objetivo de ser fiel à vida real, enquanto o segundo refere-se aos enredos mais fantasiosos, bem como à presença de heróis e aventuras. Os romances de Charles Dickens, um dos maiores expoentes da época, focavam na crítica social e, conforme será mais bem detalhado no tópico seguinte a respeito do clássico *Oliver Twist*, tal aspecto é uma das particularidades mais notáveis da literatura dickensiana. Segundo os ensinamentos de Silva e Moreira (2011, p. 129):

O período histórico em que Dickens viveu – entre a primeira e a segunda metade do século XIX – foi marcado por alguns fatos relevantes à fundamentação artística e ao alcance pragmático de sua obra, como a Revolução Industrial (incidindo diretamente no

ideário *social*), o processo de urbanização (refletindo-se na configuração das classes *sociais*) e o desenvolvimento tecnológico (representado pelo conceito de progresso *social*). (grifo dos autores)

Desse modo, os reflexos da Revolução Industrial no contexto econômico e sociocultural da Inglaterra vitoriana serviram de pano de fundo para as obras literárias do escritor, cuja contundente denúncia social versava, primordialmente, sobre as dificuldades sofridas pelas classes desfavorecidas. Dickens também tinha a grande preocupação em individualizar as suas personagens ao marcar as suas identidades, uma vez que “[...] a ‘era das máquinas’ estava destruindo a individualidade humana”<sup>2</sup> (BATE, 2010, p. 131, tradução nossa).

Com efeito, alguns aspectos da crítica social presente, especificamente, em *Oliver Twist* serão abordados no próximo tópico.

### 1.3 A CRÍTICA SOCIAL EM *OLIVER TWIST*

Em meio aos escritores mais notórios da Era Vitoriana, conforme mencionado previamente, destaca-se Charles Dickens, cujas obras literárias demonstram uma preocupação com os problemas sociais provenientes do desenvolvimento desenfreado e excludente da Inglaterra no século XIX.

De acordo com Cevasco e Siqueira (1985), os males sociais descritos por Dickens não traziam novidade para os leitores e nem ele foi o pioneiro a discuti-los. Todavia, utilizando-se muitas vezes de recursos humorísticos, a literatura dickensiana atingia o grande público, devido à maneira particular pela qual o escritor interpretava e apresentava abertamente as contradições da sociedade vitoriana, sobretudo no que tange à nítida sobreposição dos valores humanos pelos valores materiais. Consoante os ensinamentos de Silva e Moreira (2011, p. 131-132), a crítica social realizada por Dickens “[...] visa a características mais gerais e profundas da sociedade moderna – o declínio dos valores qualitativos (ética, imaginação, bondade, vínculos humanos) em nome de relações quantitativas e utilitárias”.

---

<sup>2</sup> “[...] ‘the mechanical age’ – the Industrial Revolution was destroying human individuality” (BATE, 2010, p. 131).

Acerca disso, Cevalco e Siqueira (1985, p. 56) afirmam que:

[...] visto de um ângulo mais amplo, a filosofia de Dickens é revolucionária: tudo o que, na vida social, impede a solidariedade e a generosidade é condenado. Segue-se que, num sentido mais profundo, toda a sociedade vitoriana e a nossa, herdeira daquela, precisam de reformas [...].

Desse modo, podemos inferir que as problemáticas sociais descritas nas obras dickensianas estão ainda presentes, em maior ou menor escala, na nossa sociedade contemporânea. A título de exemplo, ao traçar um breve paralelo com o Brasil no que diz respeito à exploração do trabalho infantil, um dos temas centrais de *Oliver Twist*, dados recentes do governo federal apontam que, no ano de 2016, mais de dois milhões de crianças estavam inseridas em algum tipo de atividade laboral (BRASIL, 2018). Assim, ainda que existam leis asseguradoras dos direitos das crianças e dos adolescentes, a realidade cruel trazida por Dickens, infelizmente, permanece observável no país.

Um dos aspectos marcantes da literatura, de forma geral, diz respeito aos elementos essenciais que compõem uma obra literária, os quais necessitam estar relacionados para o bom desenvolvimento da narrativa: enredo, personagens e ideias (CÂNDIDO et al., 2002). Portanto, é preciso salientar que:

[...] Os três elementos centrais de um desenvolvimento novelístico (o enredo e a personagem, que representam a sua matéria; as “ideias”, que representam o seu significado, — e que são no conjunto elaborados pela técnica), estes três elementos só existem intimamente ligados, inseparáveis, nos romances bem realizados. No meio deles, avulta a personagem, que representa a possibilidade de adesão afetiva e intelectual do leitor, pelos mecanismos de identificações, projeção, transferência, etc. A personagem vive o enredo e as ideias, e os torna vivos (CÂNDIDO et al., 2002, p. 54).

Desse modo, a personagem desempenha uma posição de grande importância no desenvolvimento de uma obra, uma vez que ela vive o enredo.

Nesse sentido, Dickens escrevia sobre personagens comuns, não idealizados e próximos do cotidiano do leitor. Silva e Moreira (2011, p. 129) asseveram que ele situava suas personagens “[...] num cenário decadente, caracterizado pela explosão

demográfica e pelo êxodo rural, pela exploração do trabalho infantil, pela situação de pobreza extrema e pela violência urbana”. Em *Oliver Twist*, romance publicado inicialmente em fascículos mensais entre os anos de 1837-1839 e considerado um marco da literatura realista inglesa, tais problemáticas são claramente visíveis durante todo o enredo, visto que o pequeno Oliver enfrenta a dura realidade acima retratada desde o nascimento. Outro ponto relevante é concernente ao fato de Dickens evidenciar os valores humanos intrínsecos do protagonista, uma vez que, mesmo em meio a tantas condições adversas, Oliver conserva a inocência e a pureza de coração ao longo do livro.

Em linhas gerais, *Oliver Twist* narra, em 53 capítulos, a trajetória de um menino órfão, levado a viver em um orfanato até os nove anos de idade. Logo após, Oliver é transferido para as *workhouses*, as quais eram instituições onde trabalhos penosos eram realizados, sendo oferecidos, em troca, abrigo e pouca alimentação. Cansado dos maus-tratos sofridos tanto pelas outras crianças quanto pelos adultos negligentes e autoritários, ele foge para Londres, onde conhece Jack Dawkins, batedor de carteiras e membro de uma gangue liderada pelo ardiloso Fagin. Oliver, sem qualquer alternativa, junta-se ao grupo e o antagonista, aproveitando-se da ingenuidade dele, começa a “treiná-lo” para cometer furtos nas ruas londrinas. Um dia, após uma malsucedida ação infratora por um dos meninos da gangue, a vítima identifica Oliver e chama a polícia. Na delegacia, descobre-se que o menino é inocente e o bondoso Mr. Brownlow, a própria vítima, resolve acolhê-lo. O grupo de Fagin, temendo que Oliver o denunciase, observa atentamente os passos do garoto. Mais adiante, o garoto também passa a ser acolhido pela viúva Mrs. Maylie e sua jovem sobrinha adotiva, Rose. Ao decorrer da narrativa, em suma, as origens familiares de Oliver são reveladas em uma surpreendente reviravolta do enredo. O menino também consegue livrar-se das garras dos vilões e, por fim, ter uma família feliz.

Com relação ao protagonista do romance, Franca Neto (2009, p. 176) resume que:

[...] Oliver é a imagem da inocência eterna vitimada pela corrupção vitoriana, e em particular pelos males da Lei dos Pobres de 1834, em meio a um clima de fome física se dando paralelamente à fome emocional num asilo de pobres.

Desse modo, o abandono físico e emocional do protagonista, representando as crianças à margem da sociedade, de um modo geral, devido às inúmeras injustiças do

período vitoriano, consiste em um dos tristes reflexos do desenvolvimento econômico de uma nação, em detrimento da dignidade humana.

Acerca da relação entre a Lei dos Pobres de 1834 (*Poor Law Amendment Act*) e o trabalho infantil nas fábricas, vale destacar que:

Na fase inicial da indústria têxtil britânica, houve certa dificuldade para atrair trabalhadores adultos: estes não viam com bons olhos o ambiente da fábrica, pois estavam habituados ao trabalho doméstico em que estabeleciam seu próprio ritmo. Por isso, foi comum o intenso uso do trabalho infantil: em sua maior parte, crianças (órfãos ou filhos de pais indigentes) que, de acordo com a Lei dos Pobres, eram assistidas pelas paróquias em que viviam. Essas crianças eram praticamente vendidas pelos administradores das paróquias para os donos de fábricas a fim de se livrarem do encargo de as sustentarem (SAES, F.; SAES, A., 2013, p. 211).

Em *Oliver Twist*, por exemplo, há uma passagem que demonstra claramente a situação trazida pelos autores acima mencionados. Oliver, após ter pedido um pouco mais de comida durante a refeição, é anunciado como produto de venda pela paróquia, sendo, por fim, entregue a um avarento agente funerário, o qual também maltrata o menino.

Diante do exposto, o clássico atemporal, *Oliver Twist*, corrobora o olhar apurado de Charles Dickens para o abismo social existente na Inglaterra do século XIX. A obra enseja reflexões pelos leitores e críticos literários até hoje e, possivelmente, permanecerá no posto de uma das mais influentes da literatura universal por um vasto período de tempo.

Dando continuidade ao trabalho, adentraremos, no capítulo seguinte, na teoria acerca da variação linguística para fins de análise da fala de algumas personagens em *Oliver Twist*.

## CAPÍTULO 2 – A SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA: FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

No capítulo anterior, aspectos relacionados à vida e obra do escritor inglês Charles Dickens foram analisados, bem como a crítica social presente no objeto de estudo deste trabalho: o clássico *Oliver Twist*. Neste capítulo, são abordados os fundamentos essenciais da Teoria da Variação Linguística desenvolvida por William Labov, principal expoente da Sociolinguística Variacionista, a qual serve de sustentáculo teórico ao objeto de estudo da pesquisa.

### 2.1 TEORIA DA VARIAÇÃO DE WILLIAM LABOV: CONCEITO E TIPOLOGIA

A Teoria da Variação Linguística constitui uma das principais vertentes da Sociolinguística e teve início a partir das pesquisas do teórico William Labov nos Estados Unidos na década de 60. Para os estudos sociolinguísticos, existe uma relação intrínseca entre língua e sociedade, isto é, aquela não pode ser analisada afastada do contexto sociocultural e situacional dos indivíduos. Ressaltamos, assim, a afirmação do próprio Labov, “por vários anos, resisti ao termo *sociolinguística*, já que ele implica que pode haver uma teoria ou prática linguística bem-sucedida que não é social” (grifo do autor) (LABOV, 2008 [1972], p. 13).

Mollica (2017) ensina que a variação linguística existe em todas as línguas naturais humanas e constitui-se no objeto de estudo da Sociolinguística, visto que aquela é considerada como sendo um princípio geral e universal passível de ser descrita e analisada cientificamente. Vale mencionar, neste ponto, que a variação está diretamente relacionada ao aspecto heterogêneo da língua, o qual será analisado no tópico seguinte. Com efeito, de acordo com os ensinamentos de Alkmim (2005, p. 31), o objetivo principal da vertente variacionista:

[...] é o estudo da língua falada, observada, descrita e analisada em seu contexto social, isto é, em situações reais de uso. Seu ponto de partida é a comunidade linguística, um conjunto de pessoas que interagem verbalmente e que compartilham um conjunto de normas com respeito aos usos linguísticos. Em outras palavras,

uma comunidade de fala se caracteriza não pelo fato de se constituir por pessoas que falam do mesmo modo, mas por indivíduos que se relacionam, por meio de redes comunicativas diversas, e que orientam seu comportamento verbal por um mesmo conjunto de regras.

Desse modo, resta evidente a conexão entre língua e comunidade de fala, visto que a Sociolinguística possui como foco não somente os indivíduos falantes de uma mesma língua, mas que se relacionam e compartilham regras com respeito aos usos linguísticos.

Acerca da metodologia, a pesquisa variacionista baseia-se na análise da fala<sup>3</sup> em situações reais de uso mediante uma grande coleta de dados em uma determinada comunidade linguística, por isso “o modelo proposto por Labov é também rotulado por alguns de “sociolinguística quantitativa”, por operar com números e tratamento estatístico dos dados coletados” (TARALLO, 1985, p. 3). Segundo Bortoni-Ricardo (2014, p. 53), “a Sociolinguística laboviana é também conhecida como correlacional, por admitir que o contexto social e a fala sejam duas entidades distintas que podem ser correlacionadas”.

É importante registrar que a variação linguística pode ser conceituada como sendo “[...] formas distintas que, em princípio, se equivalem semanticamente no nível do vocabulário, da sintaxe e morfossintaxe, do subsistema fonológico e no domínio pragmático-discursivo” (MOLLICA, 2017, p. 9). Dessa forma, inferimos que a variação pode ocorrer em qualquer nível da fala (fonético-fonológico, lexical, morfológico, sintático, semântico ou discursivo).

Nesse momento, faz-se necessário esclarecer, brevemente, alguns dos termos adotados nos estudos variacionistas. Primeiramente, variantes são entendidas como sendo “[...] diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade. A um conjunto de variantes dá-se o nome de variável linguística” (TARALLO, 1985, p. 8). Assim, um determinado elemento da língua que se encontre em variação é denominado de variável linguística, a qual pode ser subdividida em dependente ou independente. Consoante os ensinamentos de Mollica (2017, p. 11), “uma variável é concebida como dependente no sentido que o emprego das variantes

---

<sup>3</sup> Aqui encontramos o que Labov (2008 [1972]) denomina de **vernáculo**, isto é, o estilo em que o mínimo de atenção é prestado ao monitoramento da fala. A pesquisa variacionista preocupa-se com a fala espontânea das pessoas. (grifo nosso)

não é aleatório, mas influenciado por grupo de fatores (variáveis independentes de natureza social ou estrutural)”. Podemos entender, desse modo, que o fenômeno da variação é motivado tanto por fatores linguísticos (estruturais) quanto extralinguísticos (situacionais e socioculturais), tais como idade, sexo, classe social, contexto de uso, etc. Acerca desses fatores, a literatura especializada (TARALLO, 1985; COELHO et al., 2015) os denomina de condicionadores, os quais são fundamentais para a análise no que tange ao grau de estabilidade de uma variável.

Por fim, “variedade linguística” diz respeito ao fato de toda comunidade linguística ser caracterizada pelo emprego de diferentes modos de falar (ALKMIM, 2005). Mais adiante, no tópico 2.3, a variedade<sup>4</sup> padrão/não padrão será mais bem detalhada. Por ora, atentaremos ao fato de que nem tudo na língua apresenta variação, pois segundo a explicação de Coelho et al. (2015, p. 13), “[...] algumas regras são categóricas (regras que sempre se aplicam da mesma forma) e outras são variáveis (regras que se aplicam de modo variado)”. Estas últimas, no entanto, não são desordenadas, isto é, elas ocorrem a partir dos condicionadores estudados. Tal fato indica que existe uma sistematicidade por trás das regras variáveis. Um exemplo de regra obrigatória, na língua inglesa, é no que diz respeito à presença do pronome sujeito nas construções das frases.

Diante de tais considerações, teceremos agora alguns comentários acerca dos tipos de variação linguística. Mollica (2017) aponta dois eixos principais: variação diatópica (regional) e diastrática (social). Em linhas bastante gerais, de acordo com a supramencionada autora, “[...] no primeiro, as alternâncias se expressam regionalmente, considerando-se os limites físico-geográficos; no segundo, elas se manifestam de acordo com os diferentes estratos sociais, levando-se em conta fronteiras sociais” (p. 12). Alkmim (2005), no que tange à variação social, conclui que esta se relaciona a um conjunto de fatores que dizem respeito à identidade dos falantes, bem como com a organização sociocultural de uma comunidade de fala. A autora também elenca quatro elementos básicos relativos à variação mencionada: classe social, idade, sexo e contexto situacional.

Consideramos oportuno acrescentar que a variação linguística também pode ser influenciada pelo modo de falar (ou de escrever) conforme o contexto situacional do

---

<sup>4</sup> Seguindo o entendimento de Bortoni-Ricardo (2014), usaremos a palavra variedade, neste presente trabalho, como sinônimo de dialeto, pois, segundo a referida autora, “muitas vezes os termos variedades e variantes são confundidos. É bom evitar essa confusão. Variante são as formas alternativas de realização de uma regra variável, e variedades são os dialetos sociais ou regionais” (p. 170).



indivíduo (variação diafásica ou estilística), isto é, “dependendo da situação em que o falante se encontre, ele utiliza mecanismos linguísticos diferentes para se expressar” (CEZARIO; VOTRE, 2015, p. 145). Tal variação está relacionada ao grau de monitoramento da fala ou da escrita, visto que o falante vai adaptar a forma de se expressar de acordo com o meio de comunicação utilizado (o monitoramento tende a ser mais elevado na escrita)<sup>5</sup>, interlocutor, grau de intimidade com o assunto, etc.

É preciso mencionar ainda que as línguas naturais também sofrem mudanças com o tempo (perspectiva diacrônica), uma vez que a ideia de língua não é considerada como sendo algo acabado. A mudança linguística também foi abordada por Labov e está diretamente relacionada ao dinamismo inerente às línguas. Conforme veremos mais adiante, as pesquisas variacionistas rompem com a concepção de língua estática dos estruturalistas e gerativistas.

Por fim, as variáveis tanto linguísticas quanto não linguísticas, consoante os ensinamentos de Cezario e Votre (2015), não ocorrem de forma isolada, isto é, “[...] o que ocorre nas línguas é uma interação mais ou menos estreita entre as diferentes variáveis” (p. 145). Dessa forma, elas atuam simultaneamente no evento comunicativo entre os falantes.

Uma vez que a variação linguística é motivada por fatores linguísticos e extralinguísticos, passaremos agora ao estudo das noções basilares sobre a heterogeneidade da língua.

## 2.2 HETEROGENEIDADE SISTEMÁTICA DA LÍNGUA: NOÇÕES BÁSICAS

Conforme já apresentado, a língua é vista como um fenômeno social na perspectiva da Sociolinguística Variacionista. Além disso, Labov, ao desenvolver a sua Teoria da Variação, ressaltou que a língua é um sistema heterogêneo, isto é, constituída não apenas por regras categóricas, mas, também, variáveis. Ademais, ela é dinâmica e mutável e, assim, podemos inferir que a variação e mudança linguística existem por causa da noção de língua em constante movimento.

---

<sup>5</sup> Acerca do grau de monitoramento da escrita, acreditamos ser imprescindível referenciar a relação daquela com os gêneros textuais. Conforme a lição de Marcuschi (2002, p. 22-23), a ideia de gênero textual é “[...] propositalmente vaga para referir os textos materializados que encontramos em nossa vida diária e que apresentam características sócio-comunicativas definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica”. Na visão do autor, os gêneros textuais são dinâmicos e considerados uma atividade social, isto é, gêneros distintos vão exigir diferentes posturas comunicativas do indivíduo.

A importância de analisar o conceito de heterogeneidade da língua reside no fato de que Labov discorda da visão homogênea (sistema fechado em si mesmo) e puramente estática (perspectiva sincrônica) proposta pelo estruturalista Ferdinand de Saussure no início do século XX e da concepção inatista dos estudos gerativistas (língua como sendo um sistema de regras universais) do linguista Noam Chomsky no final da década de 1950. Assim, os estudos labovianos, iniciados na década de 60, contrapõem a visão da língua como um sistema abstrato completamente desvinculado de fatores históricos e socioculturais.

Acerca dos postulados de Chomsky, Tarallo (1985, p. 6) aduz que “[...] o objeto dos estudos linguísticos é a competência linguística do falante-ouvinte ideal, pertencente a uma comunidade linguística homogênea”. Todavia, ele complementa que a ideia de falante-ouvinte ideal não é considerada adequada, uma vez que:

A cada situação de fala em que nos inserimos e da qual participamos, notamos que a língua falada é, a um só tempo, heterogênea e diversificada. E é precisamente essa situação de heterogeneidade que deve ser sistematizada [...] (p. 6).

Diante do exposto, a língua não deve ser concebida como sendo um sistema homogêneo, devido à presença de variáveis linguísticas. Assim, a língua passa a ser caracterizada como um sistema heterogêneo.

Na lição de Bortoni-Ricardo (2014, p. 14) acerca das duas correntes:

A língua para o suíço Ferdinand de Saussure [1857-1913] é um sistema abstrato partilhado pelos falantes que lhe dão concretude no âmbito da fala. Para Chomsky, o conhecimento que os falantes têm da língua é a competência, que se materializa no que ele denominou desempenho ou performance. Hymes (1966) reinterpreto o conceito chomskyano de competência, acrescentando-lhe a noção de adequação na produção linguística, isto é, o conhecimento que permite ao falante produzir infinitas sentenças, de acordo com o sistema da língua, inclui também a capacidade que o falante tem de adequar seu discurso ao interlocutor e às circunstâncias que presidem à sua enunciação. Essa reinterpretação, que valorizava as condições de produção da fala, é afim aos princípios sociolinguísticos, já que estes trouxeram as dimensões sociais para o âmbito dos estudos da linguagem.

Desse modo, tanto a corrente estruturalista quanto a gerativista desconsideram os fatores extralinguísticos sobre a estrutura linguística, bem como Saussure e Chomsky

não se voltavam para as situações concretas de uso da língua. No entanto, conforme apontado pela autora, o linguista Dell Hymes apresenta a noção de adequação da fala em relação ao interlocutor e ao contexto comunicativo.

Alkmim (2005, p. 33), por sua vez, assevera que:

Língua e variação são inseparáveis: a Sociolinguística encara a diversidade linguística não como um problema, mas como uma qualidade constitutiva do fenômeno linguístico. Nesse sentido, qualquer tentativa de buscar aprender o invariável – o sistema subjacente – se valer de oposições como “língua e fala”, ou competência e *performance* – significa uma redução na compreensão do fenômeno linguístico. O aspecto formal e estrutural do fenômeno linguístico é apenas parte do fenômeno total. (grifo da autora)

Assim, resta evidente que a variação é inerente a toda e qualquer língua, bem como esta não pode ser concebida apenas no seu aspecto formal (estrutural), uma vez que os fatores sociais também exercem grande influência sobre ela.

De acordo com Cezario e Votre (2015, p. 146), “o estruturalismo e o gerativismo não incluíram nas suas análises a variação porque esta estava fora do âmbito do objeto da linguística, o qual deveria ser abstraído do “caos” da realidade do uso linguístico”. No entanto, para a Sociolinguística, inexistente esse aspecto caótico e assistemático, uma vez que a variação não é livre, mas motivada por fatores condicionadores internos e externos que influenciam a escolha de uma ou de outra variante pelo falante. Segundo Mollica (2017, p. 10), “[...] os usos de estruturas linguísticas são motivados e as alternâncias configuram-se por isso sistemáticas e estatisticamente previsíveis”. Assim, cabe ao linguista “[...] demonstrar como [a variação] se configura na comunidade de fala, bem como quais os contextos linguísticos e extralinguísticos que a favorecem ou a inibem” (CEZARIO; VOTRE, 2015, p. 141). Em outras palavras, tais contextos (fatores condicionadores) vão permitir que o pesquisador analise e explique a escolha dos falantes por uma ou outra variante.

Ainda sobre a sistematicidade da variação, Bortoni-Ricardo (2014, p. 157) atesta que “[...] os recursos de variação, que toda língua natural oferece, estão sistematicamente organizados em sua estrutura e contribuem para tornar a comunicação entre os falantes mais produtiva e adequada”. Podemos inferir, desse modo, que a heterogeneidade é ordenada, pois as regras variáveis não surgem do acaso; são

motivadas por fatores linguísticos e extralinguísticos, os quais contribuem para uma comunicação mais efetiva entre os falantes.

Ressaltamos, por fim, conforme a lição do próprio Labov (2008[1972], p. 238), que “[...] a heterogeneidade não é apenas comum, ela é o resultado natural de fatores linguísticos fundamentais. Argumentamos que a ausência de alternância estilística e de sistemas comunicativos multiestratificados é que seria disfuncional”. Mais uma vez, resta evidenciado o caráter funcional da língua mesmo com a presença de regras variáveis.

Em síntese, entendemos que a diversidade linguística é o foco principal da teoria laboviana. A concepção de língua como sendo um sistema heterogêneo dotado de regras é um dos pressupostos dos estudos variacionistas, bem como o fenômeno da variação é algo inerente às línguas. Diante disso, passaremos ao estudo das variedades linguísticas, especialmente no tocante à diferença entre dialeto padrão e não-padrão.

### 2.3 DIFERENÇA ENTRE DIALETO PADRÃO E NÃO-PADRÃO

É sabido que, devido ao dinamismo intrínseco às línguas, diferentes dialetos e registros podem ser encontrados em qualquer comunidade de fala e que, apesar disso, a comunicação e o entendimento entre os falantes não são comprometidos. Conforme antecipamos, dialeto é sinônimo de variedade linguística, isto é, distintos modos de falar uma língua.

De acordo com a explicação de Coelho et al. (2015, p. 16):

[...] é importante observar que *dialeto*, aqui, não corresponde a uma variedade “inferior” ou estigmatizada de uma língua, mas sim – como é equivalente a *variedade* – ao falar característico de determinado grupo social e/ou regional. (grifo dos autores)

Desse modo, dialeto equivale ao falar característico de um grupo social e/ou regional. No entanto, conforme pontua Alkmim (2005, p. 39), “na realidade objetiva da vida social, há sempre uma ordenação valorativa das variedades linguísticas em uso, que reflete a hierarquia dos grupos sociais”. Em outras palavras, existem determinados

dialetos que gozam de prestígio social devido a inúmeras razões de ordem política, histórica, econômica e cultural e outros que são desprestigiados socialmente. Acerca da padronização do dialeto, segundo a mesma autora:

Tradicionalmente, o melhor modo de falar e as regras do bom uso correspondem aos hábitos linguísticos dos grupos socialmente dominantes. Em nossas sociedades de tradição ocidental, a variedade padrão, historicamente, coincide com a variedade falada pelas classes sociais altas, de determinadas regiões geográficas. Ou melhor, coincide com a variedade linguística falada pela nobreza, pela burguesia, pelo habitante de núcleos urbanos, que são centros do poder econômico e do sistema cultural predominante (ALKMIM, 2005, p. 40).

Assim, o dialeto padrão, historicamente, coincide com a variedade linguística daqueles que detêm o poder.

Outro ponto importante diz respeito ao fato de que o dialeto padrão relaciona-se não apenas à seleção de um dos modos de falar entre os inúmeros de uma comunidade, mas pelo estabelecimento de normas que vão definir o modo “correto” de falar (ALKMIM, 2005; COELHO et al., 2015). Todavia, a tão sedimentada noção de certo e errado na língua acarreta em um grave reducionismo do complexo fenômeno da variação linguística. Com efeito, a existência dessa tal maneira “correta” de falar tende a estigmatizar variantes que fogem do padrão. Tal rejeição das diferentes variedades linguísticas é denominada de preconceito linguístico, que é algo fortemente debatido e combatido nos estudos sociolinguísticos. Conforme aduzem Cezario e Votre (2015, p. 145) acerca da diferença entre dialeto padrão e não-padrão:

Na dimensão propriamente social estão as diferenças linguísticas verificadas com a comparação entre o dialeto padrão – considerado correto, superior, puro – e os dialetos não-padrão – considerados incorretos, inferiores, corrompidos. A variante padrão é ensinada nas escolas e valorizada pelos membros da sociedade, tanto pelos que a dominam como pelos que gostariam de dominá-las, posto que sabem da sua importância para se adquirir prestígio.

No mesmo sentido, Bortoni-Ricardo (2014, p. 71) complementa ao atestar que quando a língua padrão é associada à classe social, ela representa *status*, uma vez que “[...] as classes sociais que detêm prestígio e poder têm amplo acesso a ela; as classes

inferiores na pirâmide social aspiram ao domínio dessa norma padronizada [...]”. No entanto, é importante ter em mente que, para a Sociolinguística, todas as variedades são equivalentes e completamente passíveis de análise. Faz-se necessário salientar, neste ponto, que tais considerações valorativas acerca da variedade padrão serão retomadas no próximo capítulo, quando a variação linguística, sobretudo a social, será observada em *Oliver Twist*.

No que tange à dimensão geográfica, é relevante destacar que um falante, normalmente, apresentará a variedade linguística de sua região de origem. No entanto, as variações dialetais não se restringem apenas às diferentes regiões, uma vez que em uma mesma localidade pode ocorrer inúmeros dialetos. Assim, por exemplo, na Inglaterra, existe a variedade padrão encontrada nas gramáticas normativas, bem como outros dialetos, tais como o *Cockney*, um dos mais usuais de Londres.

Dado o exposto, as inúmeras variedades linguísticas possuem particularidades próprias da língua, as quais não configuram na existência de dialetos superiores ou inferiores. Todos eles são válidos e igualmente relevantes para os estudos sociolinguísticos.

Diante de tais considerações, procederemos, no capítulo seguinte, à análise da variação linguística na fala de algumas personagens do livro *Oliver Twist*.

### CAPÍTULO 3 - ANÁLISE DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA EM *OLIVER TWIST*

Este capítulo tem o objetivo de apresentar a análise da variação linguística presente na obra *Oliver Twist* de Charles Dickens, tendo em vista a Teoria da Variação proposta por Labov. Dessa forma, no tópico **3.1**, a relação entre língua e contexto sociocultural da obra é abordada; no **3.2**, aspectos relacionados à caracterização das personagens do livro a partir do dialeto são estudados. Por fim, no **3.3**, procedemos à análise da variação na fala de algumas personagens do clássico dickensiano.

#### 3.1 A LINGUAGEM E A RELEVÂNCIA DO CONTEXTO SOCIOCULTURAL EM *OLIVER TWIST*

A linguagem humana e o contexto sociocultural são diretamente relacionados para os estudos sociolinguísticos, tendo em vista que a língua, por ser uma instituição social, não pode ser concebida como uma estrutura autônoma, separada do contexto situacional, sociocultural e histórico daqueles que a utilizam como meio de comunicação (CEZARIO; VOTRE, 2015). Segundo Preti (2004), ainda que o diálogo ficcional literário não seja capaz de reproduzir a fala real espontânea, visto que, conforme o próprio nome elucida, são interações verbais de ficção, ele visa aproximar a língua às situações concretas de uso associadas a um determinado contexto. A língua, também, constitui-se como um importante mecanismo de identificação do leitor com o próprio enredo da obra. Ainda conforme Preti (2004), diversas linhas teóricas de pesquisa, por exemplo, a Sociolinguística Variacionista e Interacional e a Análise da Conversação (AC) vêm sendo utilizadas para a investigação do diálogo ficcional. Tendo em vista, no entanto, que o foco do presente trabalho é a pesquisa variacionista, iremos nos ater aos pressupostos desta.

Diante disso, na lição do referido autor, acerca do estudo do diálogo presente nos textos literários,

[...] devemos atentar para o que chamáremos de uma “macroanálise da conversação literária” (contexto histórico e geográfico, fatores extralinguísticos e sua possível influência sobre as personagens e narrador de primeira pessoa, tais como grau de escolaridade, posição social, faixa etária, sexo dos falantes). Essa

fase do estudo compreenderia a aplicação de teorias de Sociolinguística (PRETI, 2004, p. 121).

Portanto, conforme explicitado acima, na perspectiva macro de análise dos diálogos construídos no texto literário, preceitos sociolinguísticos são aplicados.

No caso específico de *Oliver Twist*, foi possível compreender, anteriormente, que a ascensão industrial da Inglaterra durante a Era Vitoriana acentuou diversos problemas sociais, sendo evidente a divisão da população em classes sociais e econômicas. Se, por um lado, existiam a realeza e a classe média inglesa, por outro, havia trabalhadores sendo explorados diariamente nas fábricas, crianças maltratadas nos orfanatos, abandonadas nas ruas, bem como cometendo delitos ou sendo alvos de violência. Desse modo, os recursos linguísticos escolhidos por Charles Dickens procuravam apresentar um retrato do contexto histórico inglês do século XIX, bem como dos aspectos socioculturais na fala das personagens.

A respeito disso, conforme pontuam Cezario e Votre (2015), as pessoas oriundas de diferentes camadas sociais falam de forma distinta e as divergências podem ser vistas em todos os níveis de fala, inclusive o gramatical. É importante destacar que, devido aos diferentes contextos sociais presentes em *Oliver Twist*, a variedade padrão não é a única registrada ao longo da obra dickensiana.

Por conseguinte, na lição de Brook (1964, p. 33, tradução nossa) sobre o uso da variação linguística, especialmente a social, pelo escritor inglês:

Dickens fez uso livre do dialeto para distinguir uma personagem da outra, porém os dialetos usados por ele são de classes sociais em vez de regionais. O dialeto mais plenamente utilizado por ele é o de Londres, mas é o dialeto social da Londres desfavorecida que forma a base do discurso de muitas das suas personagens de sucesso, e na fala delas há poucas características regionais.<sup>6</sup>

Mediante o exposto, a variação derivada do *status* social é bastante marcada, de uma forma geral, nas obras dickensianas e em *Oliver Twist* não é diferente, conforme veremos mais detalhadamente nos próximos tópicos.

---

<sup>6</sup> “Dickens made free use of dialect to distinguish between one character and another, but the dialects he uses are class rather than regional dialects. The dialect of which he makes the fullest use is that of London, but it is the class dialect of the London poor that forms the basis of the speech of many of his most successful characters, and their speech has few regional characteristics” (BROOK, 1964, p. 33).



### 3.2 A CARACTERIZAÇÃO DAS PERSONAGENS DO LIVRO A PARTIR DO DIALETO

As variedades linguísticas, no contexto literário, são recursos que um escritor utiliza para marcar a identidade das personagens (PRETI, 2004). Podemos observar, ao longo da obra *Oliver Twist*, que a variedade não-padrão é frequentemente utilizada na fala de várias personagens. Sob a ótica social, é possível afirmar que o principal propósito da presença da variação na obra está relacionado ao *status* das personagens, uma vez que, no período vitoriano, a sociedade era claramente dividida em classes sociais bem definidas. Diante disso, o próprio modo de falar é um elemento caracterizador do *status* socioeconômico das personagens do livro.

Acerca da escrita de Dickens, Pickles (2018, p. 5, tradução nossa) afirma que:

Os críticos geralmente elogiam Dickens, argumentando que seu trabalho como taquígrafo judicial nos tribunais, e como jornalista, combinado com suas primeiras experiências entre os mais desfavorecidos da sociedade e o amor ao teatro, ajudaram a dar-lhe uma forte consciência das diferenças linguísticas e da capacidade de representá-las por escrito.<sup>7</sup>

Diante disso, de acordo com a referida autora, as experiências prévias de trabalho de Dickens ajudaram-no a ter uma maior consciência acerca da diversidade linguística, a qual refletiu diretamente nas suas obras literárias.

No que diz respeito ao uso do dialeto na literatura, há algumas questões a serem observadas. Primeiramente, conforme os ensinamentos de Brook (1964, p. 33, tradução nossa)<sup>8</sup>, “um problema que precisa ser enfrentado por todo escritor que o utiliza é no tocante a certificar-se de que o leitor, que pode não ter o conhecimento do dialeto em questão, compreenda o significado das palavras”. Ele também complementa que Dickens, em algumas obras, utiliza-se da própria voz do narrador para esclarecer/explicar alguma palavra ou expressão dita por alguma personagem, destacando que tal artifício, se usado excessivamente, pode tornar-se cansativo para o

<sup>7</sup> “Critics generally praise Dickens, arguing that his work as a short-hand reporter in the law courts, and as a journalist, combined with his early experiences amongst the poorest in society and a love of the theatre, helped to give him a keen awareness of linguistic differences, and the ability to represent these in writing” (PICKLES, 2018, p. 5).

<sup>8</sup> “A problem that has to be faced by every writer who makes use of dialect vocabulary is that of making sure that the reader, who may have no knowledge of the dialect in question, understands the meaning of the dialect words” (BROOK, 1964, p. 33).

leitor (BROOK, 1964). Entendemos, assim, que os escritores precisam atentar no que diz respeito às representações dialetais, sobretudo para que não haja o comprometimento da compreensão por parte dos leitores.

Outro fator, apontado por Paganine (2012) e Pickles (2018), é no que tange à inconsistência do uso dos dialetos que, às vezes, é apresentado nas obras. No próprio clássico *Oliver Twist*, por exemplo, o protagonista Oliver fala o inglês padrão (*Standard English*) ao longo do enredo, apesar de ter crescido nas *workhouses*, bem como ter convivido com a gangue de Fagin, cujas falas das personagens do grupo são representadas dialetalmente. Acerca da falta de realismo na fala dele, Page (1988 apud PICKLES, 2018, p. 9) explica que Dickens, possivelmente, resolveu seguir o estabelecido consenso da Era Vitoriana de demonstrar que os heróis dos romances literários deviam usar o inglês padrão para sinalizar a elevação moral de tais personagens (PAGANINE, 2012). No caso específico de Oliver, conforme comentamos previamente no primeiro capítulo do trabalho, a pureza, inocência e integridade são características intrínsecas do nosso protagonista. No entanto, Pickles (2018) não considera a explicação de Page (1988) completamente satisfatória, razão pela qual ela vai asseverar que:

[...] o inglês padrão de Oliver é também uma indicação da classe social a que ele verdadeiramente pertence. Se a preocupação de Dickens fosse com o realismo puro, o discurso de Oliver seria muito diferente; em vez disso, o uso do inglês padrão por ele pode ser visto como parte integrante do desenvolvimento do enredo (PICKLES, 2018, p. 10, tradução nossa).<sup>9</sup>

A referida autora ainda complementa que a fala padronizada de Oliver pode não ter sido um erro cometido por Dickens, mas uma pista (*foreshadowing*) da verdadeira origem familiar do protagonista, uma vez que, no fim do livro, revela-se que Oliver é filho de pais pertencentes à classe média vitoriana (PICKLES, 2018).

Diante do exposto e tomando por base as discussões acima, entendemos que o inglês padrão falado por ele cumpre duas funções: demonstrar a elevação moral da

---

<sup>9</sup> “[...] Oliver’s Standard English is also an indication of the class to which he truly belongs. If Dickens were concerned with pure realism, Oliver’s speech would be very different; instead his use of the standard can be viewed as integral to the development of the plot” (PICKLES, 2018, p. 10).

personagem, bem como sugerir o verdadeiro lugar de Oliver em relação à pirâmide social vitoriana.

Com a finalidade de alcançar o objetivo desta pesquisa, que é analisar como a variação linguística apresenta-se na obra *Oliver Twist*, consideramos oportuno, para fins de melhor organização e pelo fato de notarmos a variação mais saliente, selecionar trechos de fala de quatro personagens isoladamente, bem como de um grupo que conserva as mesmas características discursivas. Salientamos antecipadamente que o presente trabalho não tem o escopo de esgotar o assunto, uma vez que, dada a extensão da obra, o estudo da variação linguística na fala de outras personagens pode ser desdobrado em trabalhos futuros.

Destacamos, ainda, que a tradução do clássico dickensiano, utilizada junto ao texto-fonte no trabalho, foi iniciada por Machado de Assis, porém interrompida no 28º capítulo em 1870. Posteriormente, o tradutor Ricardo Lísias continuou o trabalho e a primeira edição do livro traduzido foi publicada em 2002 pela editora Hedra. No entanto, observamos que a referida versão traduzida não apresenta as marcas dialetais na fala das personagens, as quais são presentes no texto-fonte, razão pela qual consideramos importante mencionar que estamos cientes disso.

Uma das possíveis explicações para a ausência da variação pode ser pelo fato de que, de acordo com Jean Michel Massa (1965 apud LÍSIAS, 2013, p. 19) na introdução do livro, Machado traduziu *Oliver Twist*, que à época era publicada em folhetins, não a partir do inglês diretamente, mas segundo uma edição francesa. Ademais, acreditamos, também, que as próprias particularidades estilísticas da escrita machadiana tiveram algum impacto no tocante ao apagamento da variedade não-padrão. Lísias (2013) informa que, ao continuar a tradução deixada por Machado, utilizou a edição em inglês da Wordsworth Classics publicada em 1992, além de recorrer à edição francesa *Les aventures d'Olivier Twist*, publicada pela editora Gallimard em 1991. O referido tradutor também consultou a tradução de Antônio Ruas, a qual foi publicada pela editora Melhoramentos (s.d.). Por fim, ele afirma que, em sua tradução, realizou certa apropriação do vocabulário e de aspectos gramaticais empregados anteriormente por Machado.<sup>10</sup> Faz-se necessário ter em mente, no entanto, que a ausência da variação dialetal na tradução, além de afetar as características identitárias das personagens, pode

---

<sup>10</sup> LÍSIAS, Ricardo. Introdução. In: DICKENS, Charles. **Oliver Twist**. Tradução de Machado de Assis e Ricardo Lísias. São Paulo: Hedra, 2013.

reforçar a ideia de um preconceito linguístico, isto é, da noção da variedade não-padrão como errada.

Em face do exposto, procederemos agora à análise propriamente dita das falas das seguintes personagens: Mrs. Mann, Mr. Bumble, Mr. Gamfield e Barney, bem como de alguns membros do grupo criminoso liderado por Fagin.

### 3.2.1 Mrs. Mann

Mrs. Mann é a cruel e negligente cuidadora do orfanato onde Oliver vive até os nove anos de idade, sendo uma das primeiras personagens a aparecer em *Oliver Twist*. Durante o enredo, vemos que ela interage bastante com o pomposo e, igualmente, desprezível Mr. Bumble, funcionário paroquial responsável pela inspeção das instituições de caridade.

Nas interações da personagem com ele, Mrs. Mann, frequentemente, apenas simula uma felicidade genuína ao encontrá-lo, conforme observamos na seguinte passagem: “[...] *thrusting her head out of the window in well-affected ecstasies of joy* [...]”<sup>11</sup> (DICKENS, 2003, p. 19, grifo nosso), uma vez que ela foi surpreendida com a aparição repentina de Mr. Bumble quando ele tentava abrir o portão do orfanato. A mesma simulação de alegria pode ser vista mais adiante no enredo: “*Well, and good-morning to you, sir*” – *replied Mrs Mann, with many smiles*; “*and hoping you find yourself well, sir!*”<sup>12</sup> (DICKENS, p. 182, grifo nosso). Vale destacar que, na fala anterior, ela demonstra todo o seu aborrecimento com a presença de Mr. Bumble ao vociferar: “*Drat that beadle!* [...]”<sup>13</sup> (p. 181). Observamos, também, que a própria presença e repetição da palavra *sir* pela cuidadora denotam a sua posição socialmente inferior em relação a ele (ROSA, 2015).

Em outra fala da personagem: “*Now, don’t you be offended at what I’m a-going to say [...] You’ve had a long walk, you know, or I wouldn’t mention it [...]*”<sup>14</sup> (p. 21, grifo nosso), as marcas dialetais dizem respeito à pronúncia pela personagem de *going* e também pela presença do *filler* discursivo *you know*. Em mais um trecho, podemos

<sup>11</sup> Na tradução de *Oliver Twist* realizada por Machado de Assis e Ricardo Lísias (2013): “[...] pondo a cabeça na janela e simulando uma grande alegria” (p. 35).

<sup>12</sup> “Bom dia, sr. Bumble – respondeu a Sra. Mann sorrindo. – Está bom, não?” (Ibidem, p. 168).

<sup>13</sup> “Leve o diabo o bedel [...]” (Ibidem, p. 167).

<sup>14</sup> “Não se zangue com o que lhe vou dizer [...] O senhor vem cansado; se não fosse isso não lhe falaria em semelhante coisa [...]” (Ibidem, p. 36-37).

notar registros informais usados na oralidade, como a presença coloquial de ‘em no lugar de *them* e, mais uma vez, do *filler you know*: “Ah, bless’ **em** that I do [...] I couldn’t see ‘**em** suffer before my very eyes, **you know**, sir” (p. 21, grifo nosso). Tomando como exemplo a tradução de Machado de Assis e Ricardo Lísias do referido excerto: “[...] mas eu não posso ver sofrer, custa-me muito vê-los doentes” (DICKENS, 2013, p. 37), encontramos o completo apagamento das marcas dialetais e a presença de uma linguagem bastante formal caracterizada pela presença da ênclise, a qual não costuma ser tão utilizada na oralidade, em “custa-me” e “vê-los”. Vale destacar que a linguagem formal pode ser notada durante toda a versão traduzida.

Por fim, observamos mais um exemplo da variedade não-padrão e registro informal quando Mrs. Mann pergunta a Mr. Bumble sobre o nome de Oliver: “How comes he to have any name at all, then?”<sup>15</sup>(p. 22), uma vez que, neste caso, a sua fala desvia do inglês padrão pela presença do “s” na expressão *how come* e pela ausência do verbo na terceira pessoa do singular: *has* (sem a partícula *to*).

### 3.2.2 Mr. Bumble

De acordo com a descrição trazida pelo livro, Mr. Bumble é um homem colérico que, por ser um funcionário da paróquia, “[...] tinha uma alta ideia do seu talento oratório e de sua importância” (DICKENS, 2013, p. 36). Conforme apontam Gordon (1917) e Rosa (2015), a palavra *Bumble*, além de lembrar abelha (*bumblebee*), pode ter sido derivada do termo britânico *bumbailiff*, o qual, segundo o dicionário Collins on-line (2019, tradução nossa), significa “um funcionário empregado para cobrar dívidas e prender devedores por falta de pagamento”.<sup>16</sup>

Devido a sua presunção e vaidade, Mr. Bumble acarreta em marcas de hipercorreção, isto é, “crer que há um modo prestigioso de falar a própria língua implica, quando alguém pensa não possuir esse modo de falar, tentar adquiri-lo” (CALVET, 2002, p. 77). Segundo o mesmo autor, tal fenômeno “[...] se manifesta especialmente na vontade de alguns falantes de imitar a forma prestigiosa e de exagerá-la” (p.78). Uma amostra disso é observada na seguinte fala de Mr. Bumble: “[...] Are you **aweer**, Mrs. Mann, that you are, as I may say, a **porochial** delegate, and a

<sup>15</sup> “Mas como é que ele tem um nome de família?” (DICKENS, op. cit., p. 38).

<sup>16</sup> “An officer employed to collect debts and arrest debtors for nonpayment”. Disponível em: <https://www.collinsdictionary.com/pt/dictionary/english/bumbailiff>. Acesso em: 19 jul. 2019.

*stipendiary?*”<sup>17</sup> (DICKENS, 2003, p. 20, grifo nosso), visto que a pronúncia das palavras destacadas tenta uma aproximação em relação ao inglês padrão (*aware* e *parochial*) (ROSA, 2015).

Miyata (1981) observa que a palavra “porochial”, a qual é recorrente na fala da personagem durante todo o livro, às vezes recebe os afixos *anti-*, *extra-* e *ly-*, modificando os substantivos *weather*, *man*, o nome próprio “Dick” e o verbo *bring up*, conforme os seguintes exemplos trazidos pelo autor: 1) “[...] Anti-porochial *weather this, ma’am*” (capítulo 23); 2) “*Let me see any man, porochial or extra-porochial, as would presume to do it [...]*” (capítulo 27); 3) “*What’s the matter with you, porochial Dick?*” (capítulo 17); e 4) “*Can’t I be supposed to feel—I as brought him up porochially—when I see him a-setting here among ladies and gentlemen of the very affablest description!*” (capítulo 51) (grifos do autor).

Outro aspecto bastante marcado não apenas na fala de Mr. Bumble, conforme apontado por Rosa (2015), mas na de outras personagens, é a substituição do “v” pelo “w” (e vice-versa) como no seguinte trecho: “[...] *wicious, bad-disposed porochial child that*”<sup>18</sup> (DICKENS, 2003, p. 184, grifo nosso). Green (2012) explica que tal troca é típica da pronúncia do dialeto *Cockney*, próprio das camadas desfavorecidas de Londres e bastante frequente no livro. Podemos encontrar outra amostra do referido dialeto em: “[...] *The day afore yesterday, a man – you have been a married woman, ma’am [...]*”<sup>19</sup> (DICKENS, 2003, p. 246, grifo nosso). Neste caso, *afore* significa *before*.

Em suma, as variações presentes na fala de Mr. Bumble são motivadas socialmente, visto que elas dizem respeito ao fato da personagem querer dominar a pronúncia da variedade padrão para ser prestigiado e, orgulhosamente, “ratificar” a sua posição aos olhos da sociedade. No entanto, por mais que Mr. Bumble tente aparentar algo ao apagar sua identidade, a sua origem continua a aparecer em sua fala.

### 3.2.3 Mr. Gamfield

<sup>17</sup> “[...] Esquece acaso que a senhora é delegada da paróquia e estipendada por ela?” (DICKENS, op. cit., p. 36).

<sup>18</sup> “Tem más disposições aquela criança, caráter rebelde, natureza viciosa [...]” (Ibidem, p. 169-170).

<sup>19</sup> “[...] Ainda anteontem, um homem... a senhora já foi casada [...]” (Ibidem, p. 223).

A variedade não-padrão é fortemente marcada na fala do ganancioso limpador de chaminés, Mr. Gamfield. No livro, o pequeno Oliver quase se tornou seu aprendiz, em razão de ter sido oferecido como barganha pela paróquia, após ter cometido o “crime” de pedir um pouco mais de comida enquanto permanecia na *workhouse*.

As representações dialetais do *Cockney* já aparecem logo nas primeiras falas da personagem: “*If the parish would like him to learn a right pleasant trade, in a good ‘spectable chimbley-sweepin’ business [...] I wants a ‘prentis, and I am ready to take him*”<sup>20</sup> (DICKENS, 2003, p. 34, grifo nosso), visto que novamente a troca do “w” pelo “v” é observada na palavra *would*, ‘*spectable*’ é uma redução da palavra *respectable*, bem como ‘*prentis*’ é uma forma reduzida de *apprentice* (aprendiz). A pronúncia de *chimney* e *business* também são registros do *Cockney English* e no referido trecho há um desvio gramatical no que tange à conjugação do verbo *want* na terceira pessoa do singular.

Outro excerto que ilustra bem algumas variações e registros de oralidade na fala de Mr. Gamfield é quando ele tenta convencer o conselho paroquial de que o trabalho nas chaminés não oferece riscos para crianças:

That’s **acause** they damped the straw afore they lit it in the **chimbley** to make ‘em come down **agin**, [...] ‘that’s all smoke, and no blaze; **vereas smoke ain’t o’ no use** at all in making a boy come down, for it only **sinds** him to sleep, and that’s **wot** he likes. **Boys is wery obstinit**, and **wery lazy**, **gen’lmen**, and there’s **nothink** like a good hot blaze to make ‘em come down **vith** a run. It’s **humane** too, **gen’lmen**, **acause**, even if they’ve stuck in the **chimbley**, roasting their feet makes ‘em struggle to **hextricate** theirselves (DICKENS, 2003, p. 35, grifo nosso).<sup>21</sup>

Acerca desse fragmento, Miyata (1981) salienta o uso da dupla negação em “*smoke ain’t o’ no use*”, a qual, segundo Alkmim (2005), é pertencente à fala de grupos

<sup>20</sup> “Se a paróquia quiser que ele aprenda um ofício agradável como o de limpador de chaminés, por exemplo, preciso de um aprendiz e estou disposto a encarregar-me dele” (Ibidem, p. 48).

<sup>21</sup> A título de informação, tal fala de Mr. Gamfield foi completamente suprimida na versão traduzida. Conforme apontado por Lísias (2013) na introdução do livro, Machado de Assis reduz boa parte da interação de Mr. Gamfield, inclusive o trecho em questão, com os homens do conselho, conforme vemos a seguir: “Quando o Sr. Gamfield expôs ao conselho o que queria, disse o Sr. Limbkins, presidente: - O ofício de limpador de chaminé é bem porco. - Tem-se visto morrerem as crianças nas chaminés – disse outro sujeito” (DICKENS, op.cit., p. 48-49).

situados abaixo na pirâmide social, bem como apresenta as palavras próprias da pronúncia do *Cockney*:

[...] “acause” (2x) (=because), “afore” (=before), “chimbley” (2x) (=chimney), “agin” (=again), “sinds” (=sends), “verreas” (=whereas), “vith” (=with), “wot” (=what), “wery” (=very), “nothink” (=nothing), “hextricate” (=extricate), “ain’t” (=isn’t), “gen’lmen” (2x) (=gentlemen), “em” (2x) (=them), “o” (=of), “obstinit” (=obstinate) (MIYATA, 1981, p.2).

Portanto, é possível afirmar que a variação social é claramente visível nas falas de Mr. Gamfield, mas, diferentemente de Mr. Bumble, a personagem não incorre em marcas de hipercorreção, uma vez que ela não tenta imitar a pronúncia da forma prestigiosa para adquirir notoriedade social.

### 3.2.4 Barney

Apesar de integrar a gangue liderada por Fagin, resolvemos analisar separadamente breves trechos de fala do judeu Barney pelo fato de que ele aparenta padecer de algum problema respiratório crônico, o qual provoca variações no que concerne aos sons nasais.

Vejamos, por exemplo, o seguinte diálogo presente no capítulo 42 de *Oliver Twist* entre ele e Noah Claypole, outro integrante do grupo, sobre o local de trabalho de Barney, a estalagem *Three Cripples*:

[...] ‘Is this the Three Cripples?’ asked Noah.  
‘That is the **dabe** of this ‘**ouse**,’ replied the Jew.  
‘A gentleman we met on the road, coming up from the country, recommended us here,’ said Noah, nudging Charlotte, perhaps to call her attention to this most ingenious device for attracting respect, and perhaps to warn her to betray no surprise. ‘We want to sleep here tonight.’



'**I'b dot certaid** you **cad**,' said Barney, who was the attendant sprite; 'but I'll **idquire**' (DICKENS, 2003, p. 459, grifo nosso).<sup>22</sup>

No trecho supramencionado, verificamos a impossibilidade de Barney pronunciar a palavra *name* (*dabe*), a qual possui logo duas consoantes nasais. Miyata (1981) evidencia que o fonema [n] é pronunciado como [d] enquanto que [m] é pronunciado como [b], como ocorre com as palavras *I'm* (*I'b*), *dot* (*not*), *certaid* (*certain*), *cad* (*can*) e *idquire* (*inquire*). Notamos também a omissão do [h] inicial na pronúncia da palavra *house*, a qual é uma característica dialetal das camadas desfavorecidas e, muitas vezes, fortemente estigmatizada (RAMISCH, 2010). Podemos inferir que, mais uma vez, Dickens procura demonstrar, por meio da fala, o nível sociocultural das personagens.

Mais uma amostra da variação fonético-fonológica, agora na palavra *strangers*, pode ser encontrada na interação de Barney com Fagin ("Fagid"): "[...] *Hush!* said Barney: '**stradegers id the next roob**'. '*Strangers!*' repeated the old man in a whisper"<sup>23</sup> (DICKENS, 2003, p. 460, grifo nosso). Assim, percebemos, novamente, a troca de fonemas em *in* e *room*. Em uma interação com Bill Sikes, um dos mais assustadores vilões da trama, podemos notar o nome *Nancy* sendo pronunciado por Barney, além das palavras *nobody* e *Miss* em: "***Dobody but Biss Dadsy***', replied Barney. '***Nancy!***' exclaimed Sikes [...]"<sup>24</sup> (p. 161, grifo nosso).

Desse modo, dando continuidade ao trabalho, passaremos agora ao último subtópico com a análise de trechos de fala de algumas personagens do grupo criminoso chefiado por Fagin.

### 3.2.5 O grupo de Fagin

Logo após Oliver fugir para Londres, ele é ludibriado e inserido no mundo do crime junto a outras crianças abandonadas. Fagin, o líder da gangue, "treina" o

<sup>22</sup> "Os Três-Coxos estão aqui? – perguntou Noé. - É este o nome da estalagem – respondeu-lhe o outro. - Um cavaleiro, de passagem, pela estrada, recomendou-nos esta casa – disse Noé enquanto cutucava Carlota, talvez para mostrar-lhe a habilidade com que se apresentava ou talvez para preveni-la e pedir seu silêncio. - Queremos passar a noite aqui. - Não estou certo de que há lugar – respondeu Barney, o empregado -, mas vou logo verificar isso" (DICKENS, op.cit., p. 381).

<sup>23</sup> "Cale-se - respondeu-lhe Barney [...] Há forasteiros no quarto ao lado. - Forasteiros? – murmurou Fagin" (Ibidem, p. 382).

<sup>24</sup> "[...] Está apenas Miss Nancy – respondeu Barney. - Nancy! – exclamou Sikes [...]" (DICKENS, op. cit., p. 150).

protagonista para cometer furtos. Antes de analisarmos a variação linguística na fala das personagens, é importante ressaltar a explicação de Cezario e Votre (2015, p. 146):

O indivíduo, inserido numa comunidade de fala, partilha com os membros dessa comunidade uma série de experiências e atividades. Daí resultam várias semelhanças entre o modo como ele fala a língua e o modo de outros indivíduos. Nas comunidades organizam-se agrupamentos de indivíduos constituídos por traços comuns, a exemplo de religião, lares, trabalho, faixa etária, escolaridade, profissão e sexo [...].

Diante disso e conforme visto anteriormente, a língua está sujeita a variações dentro de uma determinada comunidade fala, posto que as pessoas inseridas em um dado grupo social normalmente adotam uma linguagem própria constituída, principalmente, por jargões e gírias.

Brook (1964) informa que Dickens tinha interesse e algum conhecimento concernente às gírias utilizadas no mundo do crime, visto que elas aparecem em algumas de suas obras, incluindo *Oliver Twist*. Ele ainda explica que tanto os ladrões quanto os policiais, Blathers e Duff, chamados para investigar um roubo em um dado momento no livro, falam um dialeto peculiar, cujo nome é *cant*, sendo usado como uma língua secreta pelos criminosos. Algumas expressões utilizadas pela gangue de Fagin são trazidas ainda por Brook (1964), a exemplo de “crack” como um termo para roubo e “blunt” no sentido de dinheiro.

Tendo em vista que há inúmeros exemplos de gírias utilizadas pela gangue ao longo do livro, destacamos mais algumas nos seguintes trechos de fala: “– **Barkers** for me, Barney,’ said Toby Crackit” (DICKENS, 2003, p. 236, grifo nosso). *Barkers* significa pistolas, conforme descobrimos já na fala seguinte: “‘Here they are,’ replied Barney, producing a pair of pistols. ‘You loaded them yourself’<sup>25</sup> (p. 236). Outra gíria agora dita por Jack Dawkins (Artful Dodger), no capítulo 13, para dizer que a polícia havia capturado Oliver: “‘Why, the **traps** have got him, and that’s all about it’<sup>26</sup> (p. 133, grifo nosso).

É necessário destacar que a variedade não-padrão é observada, de forma clara, na fala dos membros do grupo, por exemplo, desvios gramaticais como a conjugação

<sup>25</sup> “- Dá cá as berradeiras, Barney – disse Tobias. - Aqui estão – respondeu Barney, dando-lhe um par de pistolas. – Carregou-as o senhor mesmo” (DICKENS, op. cit., 214)

<sup>26</sup> “- Caiu na ratoeira – disse o Matreiro. – Faça o favor de me deixar em paz” (Ibidem, p. 127).

verbal *you was* usada por Sikes: “[...] *I should think you was rather out of sorts too...*”<sup>27</sup> (p. 136), bem como no presente diálogo entre Oliver e Noah Claypole no capítulo 5:

[...] ‘I suppose **yer** the new boy, **ain’t yer**? said the voice through the keyhole.  
 ‘Yes, sir’, replied Oliver.  
 ‘How old are **yer**? enquired the voice.  
 ‘Ten, sir,’ replied Oliver (DICKENS, 2003, p.54, grifo nosso).<sup>28</sup>

Na interação acima, encontramos mais uma variação associada à classe social, uma vez que vemos a presença de *yer*, que é uma variante socialmente desprestigiada do pronome *you*.

Acrescentamos, por fim, que é bastante frequente a aparição da palavra *work’us* nas falas de Claypole em alguns momentos no livro, ora como vocativo para referir-se a Oliver, ora como uma forma reduzida de *workhouse*.

Diante de todo o exposto, verificamos que a variação linguística, especialmente a social, é frequente nas falas das personagens analisadas do clássico *Oliver Twist*. Constatamos que as marcas dialetais na fala de Mrs. Mann, principalmente, nas suas interações com Mr. Bumble está relacionada ao fato de marcar a sua posição socialmente inferior em relação a ele. No que diz respeito a Mr. Bumble, ele incorre em marcas de hipercorreção para ser prestigiado socialmente, diferentemente de Mr. Gamfield, pois este não tenta imitar a pronúncia prestigiosa para aparentar algo. As variações na fala de Barney, membro da gangue de Fagin, são relacionadas à impossibilidade da pronúncia dos fonemas nasais e, por último, as marcas dialetais do grupo criminoso de Fagin são relativas às gírias típicas desta comunidade de fala.

Em suma, observamos que a presença da variedade não-padrão busca não apenas refletir os níveis socioeconômicos e situacionais, mas apresentar o contexto histórico no qual os falantes estão inseridos e individualizá-los, principalmente se levarmos em consideração que, apesar do desenvolvimento econômico da Inglaterra no século XIX, a situação de pobreza extrema e violência urbana faziam parte do cenário vitoriano.

<sup>27</sup> “[...] Parece-me que tu também estás fora dos eixos [...]” (Ibidem, p. 129).

<sup>28</sup> “[...] Tu és o novo aprendiz? – disse a voz pelo buraco da fechadura. - Sim, senhor. - Quantos anos tem? - Dez anos” (Ibidem, p. 61).

Desse modo, voltamos a salientar que o presente trabalho não teve o intuito de esgotar o assunto e esperamos que ele possa ter contribuído para a aproximação entre os estudos sociolinguísticos e literários.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve a finalidade de analisar a variação linguística, sobretudo a social, no romance *Oliver Twist* (1837-1839), de Charles Dickens, a partir dos princípios da Teoria da Variação desenvolvida por William Labov. Buscamos demonstrar de que forma a linguagem ficcional de Dickens chamava a atenção para os aspectos socioeconômicos e culturais na fala das personagens, bem como ao contexto histórico no qual a obra está inserida.

Desta forma, primeiramente, foi possível observar que o referido escritor inglês possuía um olhar apurado para os problemas sociais decorrentes do desenvolvimento desenfreado e excludente da Inglaterra vitoriana. Dickens não deixava de lado, em suas obras, a incisiva crítica social sobre as inúmeras dificuldades sofridas pelas camadas desfavorecidas.

Posteriormente, estudamos a relação intrínseca entre língua e sociedade, visto que aquela não pode ser analisada apartada do contexto sociocultural e situacional dos falantes. Analisamos, também, que a língua é um sistema heterogêneo, constituído tanto por regras categóricas quanto variáveis e que, para a Sociolinguística Variacionista, todas as variedades linguísticas são válidas e completamente passíveis de análise. Destacamos, do mesmo modo, que o complexo fenômeno da variação linguística não pode ser reduzido à ideia superficial do falar “certo” ou “errado”.

Apontamos também questões relativas a algumas inconsistências em relação ao uso dos dialetos na literatura e exemplificamos como a própria fala do protagonista Oliver não é representada dialetalmente. Da mesma forma, tecemos breves comentários acerca da versão traduzida de *Oliver Twist* por Machado de Assis e Ricardo Lísias (2013), a qual não apresenta a variação linguística do texto-fonte, aspecto que pode ser explorado em trabalhos futuros sobre o tema.

Por fim, por meio da análise da fala das personagens selecionadas, buscamos evidenciar a variação social, a qual foi demonstrada pela presença de registros informais de oralidade, desvios da norma padronizada, bem como pelo uso de gírias caracterizadoras de um determinado grupo social.

Portanto, concluída a pesquisa, cabe ressaltar que as problemáticas sociais presentes em *Oliver Twist* continuam a ensejar reflexões até os dias de hoje. Da mesma forma, a Teoria da Variação proposta por Labov também promove relevantes discussões

acerca da visão de língua como maneira de expressão da condição social e situacional dos falantes.

## REFERÊNCIAS

ALKMIM, Tânia Maria. Sociolinguística: parte 1. In: MUSSALIM, Fernanda (Org.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2005.

BATE, Jonathan. **English literature: a very short introduction**. New York: Oxford University Press Inc., 2010.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Manual de sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2014.

BRASIL. Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos. **Lançado 3º plano nacional de prevenção e erradicação do trabalho infantil**. Brasília: 2018. Disponível em: <https://www.mdh.gov.br/todas-as-noticias/2018/novembro/lancado-3o-plano-nacional-de-prevencao-e-erradicacao-do-trabalho-infantil>>. Acesso em: 03 jun. 2019.

BROOK, George Leslie. **The language of Dickens**. Bulletin of the John Rylands Library. Manchester: John Rylands University Library, 1964. Disponível em: <https://www.escholar.manchester.ac.uk/uk-ac-man-scw:1m2876>. Acesso em: 30 jun. 2019.

CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

CÂNDIDO, Antônio et al. **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 2002.

CEVASCO, Maria Elisa; SIQUEIRA, Valter Lellis. **Rumos da literatura inglesa**. São Paulo: Ática, 1985.

CEZARIO, Maria Maura; VOTRE, Sebastião. Sociolinguística. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo (Org.). **Manual de linguística**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2015.

COELHO, Izete et al. **Para conhecer sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2015.

DICKENS, Charles. **Oliver Twist**. London: Collector's Library, 2003.

\_\_\_\_\_. Trad. Machado de Assis e Ricardo Lísias. São Paulo: Editora Hedra, 2013.

FRANCA NETO, Alípio Correio de. O romance vitoriano. In: FRANCA NETO, Alípio Correio de; MILTON, John. **Literatura inglesa**. Curitiba: IESDE Brasil S.A, 2009.

GORDON, Elizabeth Hope. **The naming of characters in the works of Charles Dickens**. University of Nebraska Studies in Language, Literature, and Criticism. Lincoln: University of Nebraska, 1917. Disponível em: <https://digitalcommons.unl.edu/cgi/viewcontent.cgi?referer=https://www.google.com/&httpsredir=1&article=1004&context=englishunslc>. Acesso em: 19 jul. 2019.

GREEN, Jonathon. **Cockney**. Oxford English Dictionary, 2012. Disponível em: <https://public.oed.com/blog/cockney/>. Acesso em: 20 jul. 2019.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. Trad. Marcos Bagno, Marta Scherre e Caroline Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: **Gêneros textuais & ensino**. DIONISIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel e BEZERRA, Maria Auxiliadora (Orgs.). 4. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

MIYATA, Masanori. **Types of linguistic deviation in Oliver Twist**. Shikoku: Bulletin of Shikoku Women's University, 1981. Disponível em: <http://dickens.jp/archive/ot/ot-miyata.pdf>. Acesso em: 23 jul. 2019.

MOLLICA, Maria Cecília. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Orgs.). **Introdução à sociolinguística**: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2017.

PAGANINE, Carolina. **Traduzindo a variação linguística em três contos de Thomas Hardy**. Recife: Eutomia, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/EUTOMIA/article/view/836>. Acesso em: 12 de jul. 2019.

PICKLES, Suzanne. **Post-Authenticity**: literary dialect and realism in victorian and neo-victorian social novels. PhD thesis. University of Sheffield, 2018. Disponível em: <http://etheses.whiterose.ac.uk/22690/>. Acesso em: 15 jul. 2019.

PRETI, Dino. **Estudos de língua oral e escrita**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

RAMISCH, Heinrich. **Analysing linguistic atlas data**: the (socio-) linguistic context of h-dropping. *Dialectologia Special Issue*, v. 1, 2010. p. 175–184. Disponível em: <https://www.raco.cat/index.php/Dialectologia/article/viewFile/242110/324722>. Acesso em: 25 jul. 2019.

ROSA, Alexandra Assis. **Translating orality, recreating otherness**. *Orality in Translation*. 2015. Special Issue of Translation Studies. ed. Paul Bandia. 209-225. Disponível em: <https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/28136/1/Rosa-2015a-Preprint-Translating-Orality-Recreating-Otherness.pdf>. Acesso em: 14 jul. 2019.

SAES, Flávio Azevedo Marques; SAES, Alexandre Macchione. **História econômica geral**. São Paulo: Saraiva, 2013.

SILVA, Maurício; MOREIRA, Márcia. **A crítica social em William Blake e Charles Dickens**. *Revista do Curso de Letras da UNIABEU*. v. 2, número 5. Nilópolis: 2011. Disponível em: [https://revista.uniabeu.edu.br/index.php/RE/article/view/142/pdf\\_59](https://revista.uniabeu.edu.br/index.php/RE/article/view/142/pdf_59). Acesso em: 07 jun. 2019.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ática, 1985.